



# OS PARALELOS FICCIONAIS ENTRE A BIOGRAFIA DE HELIOGÁBALO NA *HISTORIA AUGUSTA* E A *CENA TRIM A L CHIONIS* DO *SATYRICON* DE PETRÓNIO

CLÁUDIA TEIXEIRA  
*Universidade de Évora*

## Resumo

A complexa relação que biografia e história estabeleceram na Antiguidade Clássica encontra-se bem patente nas reflexões que o autor da *Historia Augusta* dispersa ao longo da sua obra. Este artigo pretende analisar a biografia de Heliogábalo à luz dos pressupostos dessa relação e demonstrar que, subjacente à elaboração da *Vita* do príncipe, se encontram elementos ficcionais semelhantes aos usados por Petrónio na *Cena Trimalchionis*.

Palavras-chave: Biografia, *Historia Augusta*, ficção, *Satyricon*.

## Abstract

The complex relationship that Biography and History established in Classical antiquity is clear in the statements that the author of the *Historia Augusta* spreads over his work. This paper intends to examine the biography of Heliogabalus in the light of the assumptions of that relationship and to demonstrate that behind the drafting of the emperor's *Vita* there are fictional elements similar to those used by Petronius in the *Cena Trimalchionis*.

Key-words: Biography, *Historia Augusta*, fiction, *Satyricon*.

(Página deixada propositadamente em branco)

O estudo da biografia antiga raramente se dissocia da problemática da sua relação com a história. E da análise desta relação tem resultado a consideração de que este género, moldado conceptualmente sobre os princípios da arbitrariedade e da parcialidade, representa tradicionalmente um modelo ineficaz de abordagem da realidade, o que levou à sistemática rejeição dos textos biográficos como fontes historiográficas fidedignas. Para a constatação dessa ineficácia, contribuiu ainda a inexistência de uma metodologia constante e de um tratamento preciso das fontes, elementos que, por sua vez, concorreram para uma maior fragmentação do género. No entanto, a criação de uma tradição biográfica de natureza composita<sup>0</sup> >, que se não chega a estabelecer em um modelo uniforme, muito se ficou também a dever à falta de um modelo teórico que circunscrevesse não apenas os limites do uso do acessório e do particular, que a biografia traz para primeiro plano, em detrimento da profundidade de análise que a historiografia fazia incidir sobre grandes acontecimentos militares e políticos, mas sobretudo de um modelo que impusesse constrangimentos ao grau de subjectividade que os biógrafos punham no seu tratamento. Deste modo, se a distinção entre biografia e historiografia releva aprioristicamente do teor matéria tratada, a clivagem aprofunda-se com o reconhecimento de que a historiografia evoluiu «(...) de acuerdo con las circunstancias históricas y se ha ido acomodando a las exigencias estéticas de cada momento»® e se demonstra, portanto, «atenta a unas normas de género que se mantienen relativamente inmutables a lo largo de los siglos que van de Salustio a Tácito».(3) Com efeito, se a biografia, ao centrar-se preferencialmente em elementos particulares, divididos por uma classificação em que «vícios e virtudes» se constituem como as megacategorias do discurso, consubstancia uma discrepância significativa em relação aos interesses da história universal, tal discrepância acentua-se ainda mais a partir do diferencial qualitativo posto no tratamento normativo dos géneros. Se o princípio enunciado por Tácito, que aconselha o historiador a exprimir-se *sine ira et studio*, bastaria para ilustrar esse diferencial, é no quadro da enunciação das leis particulares da historiografia, no *De*

*oratore* ciceroniano, que esse diferencial adquire formulação mais desenvolvida: «La première était de ne rien dire de faux,<sup>(4)</sup> la seconde d'oser dire tout ce qui est vrai. A son tour, la troisième loi serait d'éviter tout soupçon de partialité, de faveur ou de haine. (...) Plus tard (...) Cicéron ajoutera une quatrième loi historique: respecter une suite chronologique, l'ordre des événements et en mentionner des dates. Dans le *De oratore* (...) Cicéron avançait que l'historien doit présenter les causes et les conséquences des événements, qu'il doit posséder la connaissance des hommes. Qui plus est, il exige de l'historien qu'il reproduise les faits et les actions des hommes, qu'il dépeigne la vie et le caractère des personnages mémorables.»<sup>(5)</sup> Com efeito, se nas reflexões ciceronianas no *De oratore* se coligem normas aplicáveis aos compassos intrínsecos do relato histórico, já as considerações relativas aos elementos biográficos, quer por parte de Cícero, quer por parte do autor da *Retórica a Herénio* e também de Quintiliano ficam-se por uma justaposição da biografia ao «género demonstrativo», suscitada pelo binómio que o sustenta («louvar e censurar») e pelos preceitos de ordenação dos elementos na descrição das *Vitae*.<sup>(6)</sup>

É ainda de realçar que a afinidade com o género demonstrativo, sustentada igualmente no tocante à historiografia (*De leg.* 1.2.5), não indicia a integração da disciplina no género, como efectivamente parecia suceder com a biografia. Com efeito, a autonomia estilística do relato histórico encontra-se bem patente em *Orat.* 20. 66 e *Orat.* 36. 124, passos em que se deixa explícito que o discurso historiográfico não visava apenas um simples enriquecimento retórico à semelhança do que sucedia nos discursos dos oradores, mas um enriquecimento à altura do conceito de *historia ornata*. De igual forma, a referência, no *De oratore*, 2.15.63, à necessidade de reprodução do carácter e da vida de homens memoráveis, à semelhança do que sucedia na biografia, mais do que exprimir uma amálgama do método biográfico-historiográfico, ilustra a dimensão de *exemplum* que se encontra associada à narrativa histórica, que Francisco de Oliveira expressa deste modo: «Em meu entender, a tendência dos historiadores romanos para utilizarem apontamentos biográficos nas suas obras reflecte uma visão moral da história, com conseqüente valorização das lideranças e personalidades marcantes, cujo retrato, físico e moral, se torna necessário apresentar.»<sup>(7)</sup>

Embora a tradição historiográfica se tivesse mantido sempre em paralelo com a biografia, esta adquiriu um papel determinante no tempo do império, na medida em que «O método antigo dos *annales* [se]

revela desadaptado ao tratamento do governo dos imperadores. Se, durante a República, se fazia história à volta da rotação anual dos côsules, com o império, a unidade política é definida pela unidade de tempo da duração do reinado do príncipe. Se, durante a República, prevalecia o registo dos acontecimentos e feitos, levados a cabo pela comunidade dos *senatus populusque Romanus*, com o advento do império cresce o protagonismo da figura do príncipe (...): a figura do imperador, com os seus vícios e virtudes, torna-se o principal agente da história - e o registo biográfico assume natural prevalência.»<sup>8</sup>

Neste sentido, a biografia dos imperadores convidava e acentuava a identificação entre estado e imperador, em um movimento de certa forma equivalente ao princípio do *l'État c'est moi*, e que, por conseguinte, fazia do Estado o reflexo do príncipe e da figura do príncipe o reflexo do Estado. Esta nova constante, que se traduz em uma «personalização máxima da análise histórica»,<sup>9</sup> hegemoniza-se nas *Vidas dos Césares* de Suetónio, nas quais a preferência pelo modelo *per species* se impôs claramente como um modelo de sistematização valorativa das facetas pública e privada dos imperadores, cuja valia era invariavelmente definida com base no binómio *vitia-virtutes*.

Esta excessiva atenção dada a aspectos particulares constituiu-se como um dos elementos que determinou que a biografia passasse, ao longo dos tempos, por vários graus de rejeição. Recentemente, a constatação do legítimo uso das fontes por parte de alguns biógrafos, a centralização da perspectiva que privilegia a dialéctica entre indivíduo e contexto, bem como o facto de a biografia ter deixado de ser considerada um objecto acabado e fechado em si mesmo para passar a ser vista como um documento de análise, revelador do meio e das circunstâncias em que foi criado, impuseram uma mudança de abordagem que determinou a recuperação da relação entre discurso histórico e biográfico e, por consequência, a recuperação das *Vitae* como fontes historiográficas. No entanto, na Antiguidade, e apesar da consciência de que biografia e historiografia representam modos de distintos de análise da realidade histórica, a relação que os autores estabelecem entre os dois géneros não deixa de ser controversa e oscilante. Na verdade, embora a biografia apresente, como a sua maior constante, a submissão da enunciação do contexto histórico, social e político à individualidade do biografado - ou seja, precisamente um dos critérios que levou em tempos posteriores à sua rejeição -, tal não foi suficiente para uniformizar a percepção dos autores relativamente ao estatuto da biografia em relação à história.<sup>(10)</sup> E curiosa a

esse respeito não deixa de ser a posição do autor da *Historia Augusta*, uma colectânea das biografias dos imperadores dos séculos II e III<sup>(11)</sup>. Resolvida a questão de natureza autoral<sup>(12)</sup>, em favor da perspectiva que considera as *Vitae* obra de um único autor, as discrepâncias que as biografias encerram no tocante ao conteúdo, modelos e ideologia deixaram de ser vistas como reflexo de diferentes formações e estilos autorais e passaram a ser consideradas à luz da falta de uniformidade interna da própria obra. Este pressuposto fez com que as ambiguidades e contradições resultantes do alinhamento entre os objectivos da historiografia e da biografia, que efectivamente ressaltam das enunciações do biógrafo, realçassem o contexto da falta de uma delimitação estanque entre os dois tipos de texto. Assim, e contrariamente aos pressupostos mais básicos associados ao registo biográfico, o autor expressa a intenção de afastar a sua narrativa dos elementos particulares que dominam a biografia, como nos indica no início da biografia de Macrino<sup>(13)</sup> e no final da narração da *Vita* de Gordiano II<sup>(14)</sup>, na qual o impulso integrador das *voluptates domesticae ceteraque infimae res* é claramente condenado. A sua biografia, à semelhança do que sucede com as obras dos grandes historiadores, apoia-se na *fides*. Mas, se a grande historiografia se apoia na *fides* e na eloquência, a biografia devia acantonar-se na esfera de uma *fides* seguidora dos factos<sup>(15)</sup>, em uma linguagem simples, que evitasse a eloquência<sup>(16)</sup>, na *breuita*<sup>(17)</sup> e na *curiositati*. Estas seriam as condições para a prossecução de um relato honesto e fidedigno. Além disso, a oposição entre eloquência e //des<sup>\*19\*</sup> acrescenta-se a condenação da ficção e da mito-história. Contrariamente às narrativas dominadas por estes paradigmas, a estética normativa que o autor impõe à biografia centra-se na rejeição do detalhe, que se presta à efabulação - recurso que, a ser utilizado, não deveria, na sua perspectiva, exceder o mínimo necessário para ilustrar, de forma sumária, os *mores* de heróis e anti-heróis. Deste modo, o único espaço que se abre à efabulação consiste precisamente no espaço que as lacunas documentais deixam em aberto e que todos os historiadores - incluindo os representantes da grande historiografia, como Tácito, Salústio e Tito Lívio - preencheram recorrendo a elementos ficcionais<sup>(20)</sup>. No entanto, se, por um lado, a aproximação à historiografia é assumida de forma clara nos pressupostos que enuncia para a composição das suas *Vitae*, por outro lado, essa aproximação é negada no tocante ao posicionamento ideológico face aos possíveis objectos de análise. Na sua perspectiva, as obras da grande historiografia<sup>\*21\*</sup>, precisamente as mesmas que invo-



cara como modelo, fornecem visões incompletas da história, pois não se preocupam com a origem e vida dos príncipes e não se preocupam, por exemplo, com a história dos vencidos<sup>122'</sup>. E, neste sentido, acaba por reconhecer que a sua obra «se content de fournir des matériaux aux historiographes»<sup>(23)</sup>. No plano das intenções, o autor da *Historia Augusta* propõe-se assim coligir, em bruto e de forma desordenada, os elementos que sustentam os factos reais, de forma a que sirvam de fonte aos historiadores - a despeito de a crítica moderna pender para a consideração de que a maior parte da documentação, das fontes e dos discursos que atribui às personagens serem totalmente fictícios.

No caso preciso da *vita* de Heliogábalos, a intenção enunciada não poderia estar mais longe do plano real da biografia do príncipe, de tal sorte que o autor chega a reconhecer que parte dos factos e elementos aduzidos na segunda parte da narrativa pode ter sido inventada pelos detractores do príncipe<sup>(24)</sup>. No entanto, este acautelamento em nada obsta a que o tom da biografia expresse a tendência vituperadora e o desacordo moral do autor em relação às práticas que descreve, orientações bem patentes na introdução<sup>(25)</sup>, onde o biógrafo admitiria - não fosse o respaldo oferecido pelo sobejamente conhecido exemplo de imperadores como Nero, Calígula e Vitélio - a possibilidade de ele próprio exercer a *damnatio memoriae* de Heliogábalos, em ordem a que ninguém soubesse que fora *Romanorum princeps*. Se esta atitude valorativa indicaria já o comprometimento autoral com a construção negativa da personagem<sup>(26)</sup>, a clara divisão da biografia em duas partes acentua-o ainda mais: «Avec beaucoup de finesse Hengst constate que le chapitre 18 coupe en deux parties cette *Vita*. Avant cette ligne de partage, “Lampride” avec parcimonie évoque les débordements sexuels d’Elagabal, la source étant alors Marius Maximus. Les thèmes changent ensuite et se regroupent sous la notion de *luxuria*, synonyme d’extravagance.»<sup>(27)</sup> Com efeito, se a organização da matéria histórica - de que a instituição do culto *deus Sol Invictus Elagabal* parece consistir o elemento mais verosímil - é feita de acordo com uma lógica enquadradora dos traços individuais do *princeps*, que, ã semelhança do que o género biográfico havia consagrado, o autor faz alargar de forma impressionista ao plano, que, nesta *Vita*, aparece como meramente conjuntural e desarticulado, dos destinos de Roma, na verdade a falta de rigor histórico sublinha-se a partir do capítulo 18, urna vez que a narração se desenvolve no sentido de demonstrar não só os excessos, mas também a influência



da sumptuosidade orientalizante na vida do imperador: uma sumptuosidade que sublima o tópico das excentricidades, vividas quer como cidadão (imitava Apício nesta condição), quer como *princeps* (em que tinha por modelo Nero, Otão e Vitélio).

No entanto, o padrão de exagero, observado no tocante às preferências alimentares, à forma de vestir, aos banhos, à escolha dos animais de estimação, aos comportamentos, e a determinadas práticas cuja criação o biógrafo atribui, em vários casos, ao imperador<sup>\*28\*</sup>, encontra-se, na verdade, em textos mais antigos e, muito concretamente, no episódio da *Cena Trimalchionis* do *Satyricon* de Petrónio. Com efeito, a construção desta segunda parte da *uita*, sedimentada em uma verdadeira «poética da extravagância», acusa não só uma visão consen-tânea com o universo romanesco do romance, como encontra até paralelo preciso em determinados elementos ficcionais usados pelo autor do século I d. C. na sua criação literária.

Esse paralelo, que encontra no ambiente globalmente saturado dos textos o primeiro índice de proximidade, resulta do avolumar das figuras dos protagonistas, sobretudo por meio da ostentação de elementos de natureza material e da manifestação de comportamentos excêntricos. Na verdade, se os elementos da cultura material têm o poder de estruturar, de forma imediata e directa, as percepções de forma a que facilmente se estabeleçam e contrastem papéis e relações, tanto no caso de Heliogábalo como no caso de Trimalquião, essas percepções organizam-se a partir de elementos semelhantes e com objectivos análogos. Entre esses elementos, a ostentação de materiais nobres, tanto nas jóias (que ambos usavam de forma excessiva)<sup>(29)</sup>, como nos utensílios de uso doméstico (ambos possuíam baixelas e insólitos utensílios de prata)<sup>(30)</sup>, o ritmo dos lautos banquetes, nos quais domina a originalidade da comida e bebida<sup>(31)</sup> e a preferência pelo mesmo tipo de divertimento<sup>\*32\*</sup>, e até a referência ao «requinte» de um tecto (que ambos possuíam) que abria e fechava<sup>(33)</sup>, constituem-se como paralelos exemplares.

Desta forma, tal como a sobriedade e a grandiosidade dos monumentos arquitectónicos enfatizavam as mensagens de ordem e unidade imperial no tempo dos primeiros imperadores, neste caso também a estratégia de acumulação de exuberâncias não deixa de enfatizar uma mensagem que, apesar de distinta na forma, é semelhante no seu objectivo primeiro: se, no caso de Trimalquião, mais do que a sua origem<sup><34)</sup>, é o evidenciar das consequências negativas e risíveis da mobilidade social que está em causa, em Heliogábalo as excentricidades

e exuberâncias conjugam-se para realçar a origem oriental do imperador, factor que alimenta, em sentido negativo, o programa político do autor da biografia: «(...) l'auteur de l' *Histoire Auguste* choisit clairement son camp. Mais, tout en récupérant les arguments traditionnels antisyréens, il confère à son argumentation une totalité bien particulière (...): les Syriens sont débauchés et insolents. Sur le premier point, le Syrien, dans une large mesure, exprime une nature "grecque". (...) Ainsi en est-il du thème de la *luxuria*, qui s'intègre aussi dans un flou géographique aux contours indistincts. Si la Syrie partage explicitement ce trait avec Alexandrie, où est notable la parte hellène, et implicitement avec les villes d'Asie, elle n'est qu'un élément d'un vaste ensemble "oriental", ignorant les frontières. (...) pour le biographe, ce qui est syrien est partie prenante d'un ensemble gréco-oriental qui déborde des frontières de l'Empire. Le Syrien est donc à la marge de la romanité.»<sup>(35)</sup> A tendência estruturante da marcação da influência de costumes e práticas orientalistas na vida privada do imperador não poderia estar mais de acordo com o sentido global da biografia, que assenta na ligação do imperador ao *deus Sol Invictus Elagabal* e em que as alusões relativas aos contactos tidos com inúmeras mulheres, as referências à homossexualidade, à celebração do rito de Salambo, também de origem síria<sup>(36)</sup>, ou a acusação estereotipada, relativa ao sacrifício de vidas humanas<sup>(37)</sup>, parecem igualmente constituir apropriações de elementos associados ao culto de divindades orientais, como a deusa síria Atargátis.

De igual forma, também as manifestações comportamentais<sup>(38)</sup> e existenciais do *princeps* e da personagem petroniana - cujas semelhanças repousam no fascínio pela astrologia<sup>(39)</sup> e na tentativa de controlo da morte - constituem indicadores fidedignos das semelhanças de construção das figuras, agilizadas ainda pelo paralelo entre as formas como ambos exorcizam a ideia de morte:<sup>(40)</sup> com efeito, se o libertado recorre à simulação do seu próprio funeral<sup>(41)\*</sup>, o imperador, depois de lhe predita uma morte violenta, faz-se rodear de uma panóplia de recursos, que não só presentificam a ideia de morte como o seu carácter violento<sup>(42)</sup>.

Assim da comparação entre as duas narrativas, poder-se-á concluir que os *topoi* usados na construção do exagero partilham efectivamente semelhanças estruturais e que as diferenças observadas resultam mais dos elementos que reflectem os ditames dos próprios géneros em que se inscrevem os textos e da diferença de grau (nomeadamente do grau social) que existe entre as figuras retratadas do

que do afastamento entre ficção e realidade. Com efeito, se as características dos géneros fazem com que o exagero e a acumulação tenham, no *Satyricon*, uma natureza gradativa, ajustada à cadência interna do romance que, orgânica e coerentemente, envolve as personagens em um mundo que se revela cada vez mais opressor, na *Historia Augusta*, a inexistência de um enredo faz com que essa acumulação resulte de adições sucessivas de elementos, sem que entre eles se estabeleça uma relação de causa e consequência. E, de igual forma, mais do que qualquer desajustamento de objectivos entre romance e biografia, é o grau social que impõe que, no caso do imperador e precisamente porque se trata do imperador, a incorporação de elementos na narrativa se apresente como uma realização que exponencia a realidade, sem que se perca a verosimilhança, ao passo que, no caso do liberto, que, apesar de pertencer à casta dos que amealharam fortunas colossais, não deixa de ser um antigo escravo, o grau de exagero permitido encontra limites que coincidem precisamente com o que as fronteiras da sua real condição social lhe permitem.

## Notas

(1) Vide J. L. BRANDÃO, *Suetónio e os Césares. Teatro e Moralidade*, Coimbra: dissert, apresentada à Universidade de Coimbra, 2003, 1-13.

(2) C. CODONER, *Evolución del concepto de historiografía en Roma*, Faventia, Monografies 4. Bellaterra: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1986, 5.

(3) C. CODONER, *op. cit.* 5.

(4) E. CIZEK, «La poétique cicéronienne de l'histoire», *BAGB* (1988) 22, explica o conceito de *veritas* «Pour des raisons de propagande politique de bon aloi, l'historien peut donc faire une entorse aux lois de l'histoire ou plutôt les interpréter d'une manière personnelle. C'est ainsi qu'il atteint une vérité subjective, voire partielle, mais qui saurait être plus profonde qu'une *veritas* de surface. Cette *veritas* n'est qu'un volet de la *fides*, de la loyauté à l'égard de l'histoire profonde (...)». Cf. Cic., *Fam.*, 5.12.8.

(5) E. CIZEK, «La poétique cicéronienne de l'histoire», *BAGB* (1988) 18-19.

(6) Cícero, no *De inventione* e no *De oratore*, estabelece os elementos próprios do «louvor e da censura». Na *Retórica a Herénio* (3.10), elogio e vitupério seguem regras bem definidas no tocante à ordenação: circunstâncias externas (origem, educação, riqueza, poder, amizades, etc.); atributos físicos (agilidade, força, beleza e saúde); qualidades de personalidade (sabedoria, justiça, coragem, etc). Quintiliano, em *Institutio Oratoria* III a V, trata da *inventio* e da *dispositio* e pronuncia-se, de forma muito semelhante ao enunciado da *Ret. ad Her.*, no tocante aos topoi pelos quais se divide o elogio, ao enunciar os seguintes *argumenta*: *genus, natio, patria, sexus, aetas, educatio, disciplina, habitus corporis, fortuna, etc.*

(7) F. de OLIVEIRA, «Biografias dos imperadores em Plínio o Antigo», in A. Pérez Jiménez, J. Ribeiro Ferreira e M. do Céu Fialho, *O Retrato e a Biografia como estratégia de*

teorização política, *Imprensa da Universidade de Coimbra - Universidade de Málaga, 2004, 117.*

<8> BRANDÃO, *op. cit.*, 1.

(9) F. CATROGA, «O magistério da História e a exemplaridade do 'grande homem'. A biografia em Oliveira Martins», in A. Pérez Jiménez, J. Ribeiro Ferreira e M. do Céu Fialho, *O Retrato e a Biografia como estratégia de teorização política*, *Imprensa da Universidade de Coimbra - Universidade de Málaga, 2004, 283.*

(10) Cornélio Nepos, em *Pei.* 1.1., afasta a narração da vida do herói grego da historiografia, mas segundo a informação de Suetónio (Gram., 27), o mesmo autor escreve que o biógrafo de Pompeio Magno *scribere historiam*; no tocante a Plínio, Amiano Marcelino e Plutarco, vide E. CIZEK, «Les genres de l'historiographie latine», *Faventia* 7 (1985) 15-34; o autor realça ainda, *idem*, 17-22, que o carácter heterogéneo das percepções relativas à historiografia se deve em parte ao facto de: «(...) *historia* désigne une espèce particulière d'histoire panoramique: c'est à dire la chronique des événements récents ou même contemporains de l'époque de l'historien. (...) Le second sens couvrirait donc toute histoire panoramique des événements, y compris l'annalistique, les *res gestae* et l'histoire universelle. (...) Un troisième sens du mot *historia* concernait, a part l'histoire panoramique tout entière, les monographies, ainsi que, d'ordinaire, les abrégés. (...) De cette manière, nous aboutissons au quatrième sens de l'*historia*, déjà supposé par les flottements mentionnés plus haut. Pourtant, il y a des témoignages précis prouvant que certains historiens et théoriciens comprenaient par l'historien tous les genres sur lesquels portaient le troisième sens du terme, de même que les mémoires et la biographie.»

(11) A *Vitae diuersorum Principum et Tyrannorum*, conhecida por *Historia Augustae*, trata as biografias dos imperadores de Roma de Adriano a Carino e Numeriano, com excepção das biografias dos imperadores que governaram entre 244-260 (Filipe, Trajano Décio, Treboniano Galo, Emiliano e primeira parte da vida de Valeriano).

(12) A crítica tende a desconsiderar a hipótese de a *Historia Augusta* ter sido escrita por mais de um autor, apesar de a sua autoria estar atribuída a vários (Élio Esparciano, Júlio Capitolino, Élio Lampridio, Volcácio Galicano, Trébélio Polião e Flávio Vopisco).

<13> Macr. 1. 2-3: (...) *Nos tamen ex diuersis historiis eruta in lucem proferemus, et ea quidem quae memoratu digna erunt. Non enim est quisquam qui in uita non ad diem quodeumque fecerit. Sed eius qui uitas aliorum scribere orditur officium est digna cognitione perscribere.*

(14) Gord. 21. 3-4: *Haec de Gordiano iuniore digna memoratus comperimus; non enim nobis talia dicenda sunt quae Iunius Cordus ridicule ac stulte composuit de uoluptatibus domesticis ceterisque infimis rebus. Quae qui uelit scire, ipsum legat Cordum, qui dicit et quos seruos habuerit unusquisque principum et quos amicos et quot paenulas quotue chlamydes. Quorum etiam scientia nulli rei prodest, si quidem ea debeant in historia poni ab historiographis quae aut fugienda sint aut sequenda.*

Considerações sobre o mesmo tema podem ler-se em *Aurel. 2.1, Quadr. Tyr. 6. 2-4.*

(15) Prob. 5: *Sed non patiar ego ille, a quo dudum solus Aurelianus est expetitus, cuius uitam quantum potui persecutus, Tacito Florianoque iam scriptis non me ad Probi facta consendere, si uita suppetet, omnes qui supersunt usque ad Maximianum Diocletia numque dicturus. Neque ego nunc facultatem eloquentiamque polliceor sed res gestas, quas perire non patior.*

(16) Tyr. Trig., 1.1: *Scriptis iam pluribus libris non historico nec deserto sed pedestri adloquio, ad eam temporum uenimus seriem, in qua per annos, quibus Gallienus et Valerianus rem*

*publicam tenerunt (...); Tyr. Trig., 33.7-8: Habes integrum triginta numerum tyrannorum, qui cum maleuolis quidem sed bono animo causabaris. Nunc cuius libellum, non tam diserte quam fideliter scriptum. Neque ego eloquentiam mihi uideor pollicitus esse, sed rem, qui hos libellos, quos de uita principum edidi, non scribo sed dicto, et dicto cum ea festinatione, quam, si quid uel ipse promisero uel tu peteris, sic perurges ut respirandi non habeam facultatem.*

<17> *Avid. Cass. 3.1; Gord. 12.1, 27.5; Gall. 18.6; Aurel. 2.1; Quadr. Tyr. 1.2, 17.7.*

(18) *Car. 21. 2-3: Habe, mi amice, meum munus, quod ego, ut saepe dixi, non eloquentiae causa sed curiositatis in lumen edidi, id praecipue agens ut, si quis eloquens uellet facta principum reserare, materiam non requireret, habiturus meos libellos ministros eloqui, te quaeso, sis contentus nosque sic uoluisses scribere melius quam potuisses contendas.*

(19) *Tyr. Trig., 11. 6-7: Hos ego uersus a quodam grammatico translato ita posui ut fidem seruarem, non quo non melius potuerint transferri, sed ut fidelitas historica seruetur, quam ego prae ceteris custodiendam putauit, qui quod ad eloquentiam pertinet nihil curo. Rem enim uobis proposui deferre, non uerba, maxime tanta rerum copia ut in triginta tyrannorum simul uitis; Aur. 12. 3-4: Et quoniam etiam de ad rogatione aliqua me dixeram positurum quae ad tantum principem pertinerent, quaeso ne odiosior uerbosiorum in ea re uidear, quam fidei causa inserendam credidi ex libris Acholii, qui magister admissionum Valeriani principis fuit, libro actorum eius nono.*

(20) *Aur. 2.1.2: Et quoniam sermo nobis de Trebellio Pollione, qui a duobus Philippis usque ad diuum Claudium et eius fratrem Quintilium imperatores tam claros quam obscuros memoriae prodidit, in eodem uehiculo fuit adserente Tiberiano quod Pollio multa incuriose, multa breuiter prodidisset, me contra dicente neminem scriptorum, quantum ad historiam pertinet, non aliquid esse mentium, prodente quin etiam in quo Liuius, in quo Sallustius, in quo Cornelius Tacitus, in quo denique Trogus manifestis testibus conuincerentur, pedibus in sententiam transitum faciens ac manum porrigens iocando praeterea, "Scribe," inquit, "ut libet. Securus quod uelis dices, habiturus mendaciorum comites, quos historiae eloquentiae miramur auctores."*

(21) *Prob. 2.7: Et mihi quidem id animi fuit ut non Sallustios, Liuios, Tacitos, Trogos atque omnes disertissimos imitarer uiros in uita principum et temporibus disserendis, sed Marium Maximum, Suetonium Tranquillum, Fabium Marcellinum, Gargilium Martialem, lulium Capitolinum, Aelium Lampridium ceterosque, qui haec et talia non tam diserte quam uere memoriae tradiderunt.*

(22) *Pesc. Nig. 1-2: Rarum atque difficile est ut, quos tyrannos aliorum uictoria fecerit, bene mittantur in litteras, atque ideo uix omnia de his plene in monumentis atque annalibus habentur. Primum enim, quae magna sunt in eorum honorem ab scriptoribus deprauantur, deinde alia supprimuntur, postremo non magna diligentia in eorum genere ac uita requirunt, cum satis sit audaciam eorum et bellum, in quo uicti fuerint, ac poenam proferre.*

(23) *qizeK, E., « La poétique de l'histoire dans l' Histoire Auguste », REL 74 (1996) 289.*

(24) *Helioq. 30.8: Sed et haec et alia nonnulla fidem transeuntia credo esse ficta ab his, qui gratiam Alexandri Helioqabalum deformare uoluerunt. Sobre a questão das intenções subjacentes à elaboração da HA, vide SYME, A., « Propaganda in the Historia Augusta », Latomus 37 (1978) 173-182; e STERN, H., « Date et destinataire de l' Histoire Auguste », REL 30 (1952) 251-296.*

(25) *Helioq. 1.1-2: Vitam Helioqabali Antonini, qui Varius etiam dictus est, numquam in litteras misissem, ne quis fuisse Romanorum principem sciret, nisi ante Caligulas et Neronas et Vitellos hoc idem habuisset imperium. Sed cum eadem terra et uenena ferat et frumentum atque alia salutaria, eadem serpentes et cicures, compensationem sibi lector*

*diligens faciet, cum legerit Augustum, Traianum, Vespasianum, Hadrianum, Pium, Titum, Marcum contra hos prodigiosos tyrannos.*

(26) **Veja-se, a este respeito, MARQUES de SÁ, Cristina Maria, A importância do retrato materno na construção de personagens na Historia Augusta, dissert. polic. apresentada à Universidade de Lisboa, 2006, pág.71-84.**

(27) CALLU, J.-R., «Une lecture philologique de Γ *Histoire Auguste*», REL 61 (1983) 52.

(28) **Por exemplo, em Heliog. 19.3: *Primus deinde authepsas argenteas habuit, primus etiam caccabos (...); em Heliog. 19.6: *Primus fecit de piscibus isicia, primus de ostreis et lithostreis et aliis huiusmodi marinis conchis et lucustis et cammaris et scillis (...); e em Heliog. 22.3: *Primusque hunc morem sortis instituit, quem nunc uidemus; em 26.1: *Primus Romanorum holoserica ueste fertur(...), etc.******

(29) *Heliog. 23. 3-4: *Vsus est aurea omni tunica, usus et purpurea, usus et de gemmis Persica, cum gravari se diceret onere uoluptatis. Habuit et in calciamentis gemmas, et quidem scalptas. Quod risum omnibus mouit, quasi possent scalpturae nobilium artificum uideri in gemmis, quae pedibus adhaerebant. No Satyricon, o uso de jóias por Trimalquião está documentado em 32.2-4; o 'requinte' do uso de jóias nos sapatos é, no entanto, atribuído apenas a Fortunata, mulher do libertos (Sat. 67).**

(30) *Heliog. 19.3: *Primus deinde authepsas argenteas habuit, primus etiam caccabos (...); cf. Sat. 31.1, 33.1, 33.2, 38.1, 33.2, 33.6, 34.8, 35.6. Atente-se especialmente a Sat. 52. 1-3 (In argento plane studiosus sum. Habeo scyphos urnales plus minus (...) Habeo capidem quam <mi> reliquit patronorum <meorum> unus, ubi Daedalus Niobam in equum Troianum includit. Nam Hermerotis pugnas et Petraitis in poculis habeo, omnia ponderosa) e 73.5 (...ut supra lucernas (...) aeneolosque piscatores notauerim et mensas totas argenteas calicesque circa fictiles inauratos et uinum in conspectu sacco defluens.).**

<31> **Vide Sat. 33. 3-8, 36. 2-4, 40. 3 - 41. 4, 69. 6 - 70. 2; e Heliog. 21.3-4, 22.4, etc.**

(32) **Veja-se a semelhança entre Sat. 56.7 (*lam etiam philosophos de negotio deiciehat, cum pittacia in scypho circumferri coeperunt, puerque super hoc positus officium apophoreta recitauit. 'Argentum sceleratum': allata est perna, supra quam acetabula erant posita. "Ceruical": offla collaris allata est. "Serisapia et contumelia": <xerophagiae ex sale> datae sunt et contus cum malo. "Porri et persica": flagellum et cultrum accepit. "Passeres et muscarium": uuam passam et mei Atticum. "Cenatoria et forensia": offlam et tabulas accepit. "Canale et pedale": lepus et solea est allata. "Muraena et littera": murem cum rana alligatum fascemque betae accepit. Diu risimus. Sexcenta huiusmodi fuerunt, quae iam exciderunt memoriae meae.) e Heliog. 22. 1-4 (Sortes conuiuales scriptas habuit in coclearibus tales ut "decem camelos", "decem muscas", "decem libras auri", "decem plumbi", "decem struthiones", "decem oua pullina". Quod quidem et ludis suis exhibuit, ut "ursos decem", "decem glires", "decem lactucas", "decem libras auri", "canes mortuos", "libram bubulae carnis", "centum aureos", "mille argenteos", "centum folles aeris". Primus hunc morem sortis instituit, et ad sortem scaenicos uocauit, quae populus libenter accepit.)***

(33) *Sat. 60. 1-3: *Nec diu mirari licuit tam elegantes strophas; nam repente lacunaria sonare coeperunt totumque triclinium intremuit. Consternatus ego exsurrexi, et timui ne per tectum petauristarius aliquis descenderet. Nec minus reliqui conuiuiae mirantes erexere uultus expectantes quid noui de caelo nuntiaretur. Ecce autem diductis lacunaribus subito circulus ingens, de cupa uidelicet grandi excussus, demittitur, cuius per totum orbem coronae aureae cum alabastris unguenti pendebant. Heliog. 21. 5: *Oppressit in tricliniis uersatilibus parasitos suos uiolis et floribus, sic ut animam aliqui efflauerint, cum erepere ad summum non possent. Suetônio refere um elemento semelhante na biografia de Nero (31).***

(34) **Curiosamente o nome «Trimalquião» tem origem igualmente oriental (semita).**

(35) CHAUVOT, A, «La notion de "Syrien" dans l'*Histoire Auguste* et les cas d'Alexandre Sévère», *Ktema* 19 (1994), 285-288.

(36) *Heliog. 7.3. Salambonem etiam omni planctu et iactatione Syriaci cultus exhibuit, omen sibi faciens imminentis exitii.*

(37) Diz o autor da *HA* que o imperador escolhia rapazes de toda a Itália, nobres e bem-parecidos e com pais vivos, para que o sofrimento fosse maior por parte das famílias (8.1): *Cecidit et humanas hostias, lectis ad hoc pueris nobillibus et decoris per omnem Italiam patrimis et matrimis, credo ut maior esset utrique parenti dolor.*

(38) Apesar das inúmeras semelhanças comportamentais, nomeadamente no tocante à ostentação da riqueza, à convivialidade com os escravos, etc., o comportamento sexual de Trimalquião e Heliogábalo apresenta dissemelhanças, sobretudo no que respeita à relação com o sexo oposto, claramente exponenciada no caso do imperador (*Heliog. 24.2: Idem mulieres numquam iteravit praeter uxorem. Lupanaria domi amicis, clientibus et seruis exhibuit.*)

(39) Cf. *Sat. 77.2*, em que se diz que um astrólogo previra *restare uitae annos triginta et menses quattuor et dies duos*, com *Heliog. 33.2: Et praedictum eidem erat a sacerdotibus Syris biothanatum se futurum.*

(40) O recurso a elementos sensoriais - recurso que a biografia de Heliogábalo partilha também - constitui-se como uma das mais significativas formas de controlo da ideia de morte por parte do liberto. Vide *Sat. 34.10: 'Eheu nos miseros, quam totus homuncio nil est! / Sic erimus cuncti, postquam nos auferet Orcus./ Ergo uiuamus, dum licet esse bene.'* *Sat. 55.3: 'Quod non expectes, ex transuerso fit. / et supra nos Fortuna negotia curat./ Quare da nobis uina Falerna, puer.'*

(41) *Sat. 4-5: 'Putate uos, ait, ad parentalia mea inuitatos esse.'* *Ibat res ad summam nauseam, cum Trimalchio ebrietate turpissima grauis nouum acroama, cornicines, in triclinium iussit adduci, fultusque ceruicalibus multis extendit se super torum extremum et: Fingite me, inquit, mortuum esse. Dicite aliquid belli.'*

(42) *Heliog. 33.2-6: Et praedictum eidem erat a sacerdotibus Syris biothanatum se futurum. Parauerat igitur funes blatta et serico et cocco intortos, quibus, si necesse esset laqueo, uitam finiret. Parauerat et gladios aureos, quibus se occideret, si aliqua uis urgeret. Parauerat et in cerauneis et in hyacinthis et in smaragdis uenena, quibus se interimeret, si quid grauius inmineret. Fecerat et latissimam turrem substratis aureis gemmatisque ante se tabulis, ex qua se praecipitaret, dicens etiam mortem suam pretiosam esse debere et ad speciem luxuriae, ut diceretur nemo sic perisse.*